

MÚSICA, MÍDIA E EDUCAÇÃO.

Bernadete Zagonel¹

(Publicado no Jornal Gazeta do Povo, Paraná, em 7 de maio de 2001)

Em uma entrevista na televisão, há algum tempo, o repórter perguntou a Gilberto Gil o que ele teria feito na vida se não tivesse seguido essa carreira de tanto sucesso. Ele disse: “Eu teria ido estudar música.”

Pois é... até um grande músico como Gil reconhece a importância de estudar a música quando se pretende fazer um bom trabalho. Mas ele pode não ter tido um estudo formal e sistematizado numa escola, mas sei que não pára de investigar. Assim como Caetano. Esse, aliás, já chegou a contratar compositores da música erudita para lhe dar aulas de composição. Felizmente para nós, público, que podemos ver o resultado dessas empreitadas pela qualidade musical de seus discos.

No entanto, o que me preocupa nessa afirmação inicial de Gilberto Gil, é pensar que para ser músico de sucesso, não é preciso estudar música. Ou, que o músico que estuda não faz sucesso... Para ele, parece, um estudo sistematizado não fez muita falta. Mas e para os outros? E os que fazem os “tchans”, “pagodes” e sei lá mais o quê? Que preparo musical devem ter? Que qualidade têm as músicas que produzem? No entanto, sua influência e sucesso são inegáveis. Ou seja, qualidade e sucesso não estão diretamente relacionados.

Estes músicos de sucesso, ao que se sabe, não fizeram sua formação musical em uma escola de música. São autodidatas, intuitivos, às vezes com algum talento, que um dia caíram nas graças de um empresário, e hoje fazem sucesso e vendem milhões. Não passaram por um ensino sistematizado, criterioso e, no entanto, não demonstram sentir falta dele. Mas em muitos casos, somos nós, o público, que sentimos essa falta..

Vejo com tristeza que para ser músico, no Brasil, não é necessário passar pela escola, nem pelo professor de música, e também não há um controle de qualidade. Basta ter uma carinha bonita, um corpo sensual, e pronto: nasce uma cantora. Somos uma classe de profissionais sem um órgão para supervisionar, analisar e aprovar os produtos que são

¹ Bernadete Zagonel: professora titular da UFPR, doutora em música pela Sorbonne. Presidente do Conselho de Curadores da UFPR.

levados a público. Infelizmente, quem tem feito a “educação musical” de nossos jovens são a televisão e o rádio. E esses não visam a qualidade mas o lucro, seja por que meios forem. Lembro de uma reportagem na revista Veja, onde o apresentador Ratinho, reportando-se à televisão brasileira, foi claro e franco em afirmar: “Quem quiser programas de qualidade que assine TV a cabo.” Sem comentários.

Quando se fala em educação musical, muitos ainda imaginam que isto significa estudar um instrumento para se transformar em um grande e talentoso. No entanto, com a democratização do estudo da música, com a possibilidade de sua inserção nos currículos da escola básica, o que se pretende não é mais formar o instrumentista, mas sensibilizar as crianças e adolescentes para a música. É desenvolver seu gosto musical, o espírito crítico, o poder de reflexão, é desenvolver certas habilidades cognitivas, afetivas e motoras, é transformá-los em bons e criteriosos ouvintes. Pesquisas atuais sobre o cérebro demonstram os benefícios trazidos pelo aprendizado musical em crianças, até para o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático. A nova lei de Diretrizes e Bases propõe a sua volta, por entender sua importância para o desenvolvimento do indivíduo. Hoje, todos têm direito ao aprendizado musical!

Mas os obstáculos para se conseguir esses objetivos são enormes. É comum vermos grupos de professores reclamando da dificuldade em se fazer um ensino desvinculado dos “tchans” e demais exemplos televisivos, devido à forte influência exercida pelos meios de comunicação em nossas crianças e jovens.

Infelizmente, por influência de empresários e produtores que, em geral, nada entendem de música, mas muito conhecem de mercado, e correm atrás do sucesso e do dinheiro, a produção musical ultimamente tem perdido em qualidade (não sou a única a reconhecer o triste fenômeno), e aumentado em força e popularidade. Uma espécie de “lavagem cerebral”, conseguida com a repetição incessante dos produtos musicais em todos os meios de comunicação, é usada como artifício, e o que se ouve é determinado por eles.

A atividade musical, e a indústria cultural, com sua diversificada e larga abrangência de atividades (produção de discos, espetáculos, instrumentos, partituras, equipamentos, etc., etc.) é hoje um dos maiores geradores de capital no mundo. Nos EUA, por exemplo, ocupa o 3º lugar do PIB. Aqui no Brasil, a Bahia parece já ter descoberto a

força de sua música, e tem conseguido divulgar sua cultura aos quatro cantos, com investimentos vindos de empresários e de órgãos governamentais.

E onde estão os educadores musicais para dar oportunidade às crianças e jovens de abrir seus horizontes, ouvir diferentes tipos de músicas, e aprender a escolher, a exigir qualidade? Onde está o lugar do ensino da música na escola brasileira, que já foi tão grande e respeitado tempos atrás? Onde estão os investimentos nessa área?

Tenho a sensação de que estamos deixando passar uma grande oportunidade e possibilidade de educação de nosso povo. Não seria a hora de começar a fazer alguma coisa?